



NELSON RODRIGUES E “A VIDA COMO ELA É...” NAS PÁGINAS DO JORNAL A ÚLTIMA HORA: MUDANÇAS DE UM TEMPO QUE SE ESDVAI PELAS MÃOS.

Leandro Antônio dos Santos
Mestrando em História
UFU

RESUMO

O tema aqui proposto são as representações jornalísticas de Nelson Rodrigues no jornal *A Última Hora* (1951-1961) em sua coluna diária “*A vida como ela é...*”. Os objetivos propostos estão em compreender como se deu a produção, circulação e recepção dos contos/crônicas de Nelson Rodrigues no período dos *Anos Dourados*. Perceber o olhar crítico de Nelson Rodrigues e seu apego às impressões da *Belle Époque*, entronizadas em sua infância e adolescência, pois os valores e as normas sociais estão sendo ultrapassadas pelo novo ciclo no comportamento social dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro. Como Nelson Rodrigues problematiza o campo da honra e da moralidade no início da década de 50? Quais representações produziu? Como a sociedade recebeu seus escritos? O que legou para a literatura brasileira? Essas são algumas problemáticas das quais me ocupo. A perspectiva teórica adotada aqui se insere dentro do quadro de renovações da *Nova História Cultural* mais especificamente no *paradigma indiciário* de Carlos Ginzburg. A partir daí está em entender o impacto das representações rodriguianas a partir de seu olhar para as “coisas miúdas” do cotidiano carioca. Nelson Rodrigues é um intelectual escritor atento às dinâmicas sociais de seu tempo e traduz toda a sua experiência jornalística em suas tramas cotidianas.

PALAVRAS – CHAVE: Nelson Rodrigues; Belle Époque; Anos Dourados; Jornalismo; Literatura.

ABSTRACT

The proposed theme here are the journalistic representations of Nelson Rodrigues in the newspaper *Ultima Hora* (1951-1961) in his daily column “*Life as it is ...*”. The proposed objectives are to understand how was the production, circulation and reception of short stories / chronic Nelson Rodrigues in the period of the Golden Years. Understanding the critical eye of Nelson Rodrigues and his attachment to the impressions of the *Belle Époque*, enthroned in his childhood and adolescence, as values and social norms are being overtaken by new cycle in the social behavior of the inhabitants of the city of Rio de Janeiro. As Nelson Rodrigues questions the field of morality of honor at the beginning of the 50s? What representations has produced? As society received his writings? What bequeathed to Brazilian literature? These are some issues of which I am concerned. The theoretical perspective adopted here falls within the renewals framework of the New Cultural History more specifically the evidentiary paradigm Carlos Ginzburg. From there is to understand the impact of rodriguianas representations from his gaze to the “little things” the Rio daily. Nelson Rodrigues is an intellectual writer attentive to the social dynamics of their time and translates all his journalistic experience in their everyday plots.

KEYWORDS: Nelson Rodrigues; Belle Époque; Golden Years; Journalism; Literature.

A historicidade sempre é uma característica inerente à concepção e formatação da narrativa historiográfica. Através dela o historiador procede a sua erudição e articulação em busca de uma representação histórica de determinado conflito sociocultural que uma realidade histórica



emana. Este artigo pretende entender formas de se lidar com a vida íntima na República brasileira, onde família, moralidade e nação estavam sendo constantemente na ordem dos discursos das autoridades conservadoras. Diante disso surge a narrativa de Nelson Rodrigues e a força de sua ficção e da presença através de sua recepção crítica de uma *fissura da modernidade*.

A *Belle Époque* marcou o início do século XX no Brasil pelas novidades que repercutiu, remodelando principalmente os comportamentos, os atos, as formas de conviver na cidade. Os novos costumes foram lentamente se impondo, quase de forma autoritária na mentalidade social. O que cabe aqui entender são como esses novos valores afetaram a moralidade da cidade do Rio de Janeiro e na forma como Nelson carrega essas contradições em sua escrita, tais que desembocaram e se atenuaram no período em que escreveu a sua coluna. Nelson carrega esse período peculiar em suas ideias, no antagonismo desenfreado em dois polos de confronto: o tradicional e o moderno.

O subúrbio era onde se localizava a tradição, os costumes mais arraigados e onde Nelson passou uma parte da sua vida e absorveu essa cultura. Trazia aos olhos a percepção desse lugar, que é palco de disputas com o resto da cidade e, com o passar do tempo, tomou outras proporções. Essa contradição é viva na alma de Nelson Rodrigues e pode ser traduzida nas entrelinhas de sua obra com um olhar mais detalhado e atento. Os personagens do autor estão em constante disputa e trazem essas inconformidades que são também próprias da personalidade do autor.

Em “*Santos e Canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*”, Adriana Facina ressalta que existem variadas representações que podem ser obtidas pela leitura de sua obra. A que mais se torna nítida em suas crônicas diárias da década de 50 e 70 é de que:

O Rio de Janeiro contemporâneo de sua vida adulta guarda poucas semelhanças com o passado. Na visão de Nelson, a modernização devastou as relações sociais, os valores e a própria natureza da experiência urbana carioca. Essa devastação é observada principalmente por meio do espaço público, de histórias que acontecem nas ruas, no Maracanã, em bares e restaurantes, em festas, nas redações dos jornais [...] o Rio de Janeiro aparece muitas vezes como cenário do vício, da desintegração, do individualismo egoísta. Mas também a cidade da



sociabilidade das conversas “jogadas fora”, das “ruas amorosas” (FACINA, 2004, p.155).

Portanto configura-se uma *luta de representações* no cerne da narrativa de Nelson Rodrigues, o passado, o subúrbio, a tradição, contra o moderno, o presente, o centro da cidade. No fim de tudo, Nelson é mais apegado com os costumes herdados da infância, ou seja, das lembranças de um tempo que se esgota e se desintegra em sua visão fragmentaria e disforme do tempo e das relações sociais.

Os limites das representações de Nelson Rodrigues evidenciam a natureza de um escritor humano demasiado humano que expõe uma trajetória biográfica de contradições internas e que são as mesmas que a sociedade experimentava com muito vigor e intensidade. Essas contradições moveram o escritor e sua escrita consistindo na sua forma de estar no mundo e fazer dele palco de suas impressões.

A presença de *temporalidades históricas* em conflito é um traço característico que é peculiar de sua narrativa ficcional, está por sua vez não está apresentada pelo autor de forma escancarada em sua escrita, ela é velada, cabe ao leitor perceber as nuances que o escritor deixa nas entrelinhas de sua imaginação e persuasão crítica do seu momento histórico presente.

Essa argumentação se fortalece quando nos escritos sobre sua juventude na cidade do Rio de Janeiro experimentou um ambiente marcado pela tradição e pelos costumes sociais mais conservadores, no caso a Zona Norte, palco dos suas primeiras impressões da sociedade carioca. Ali percebe um tempo marcado pela tradição dos seus vizinhos, esse espaço carrega consigo com saudosismo e se configurando como memórias de um tempo marcado pela cultura tradicional da cidade do Rio de Janeiro.

Nos escritos mais voltados para a vida adulta percebe-se uma representação diferenciada da cidade, nota-se a presença da tradição que se confronta com a modernidade. Os habitantes da Zona Norte segundo a concepção de Nelson Rodrigues estão em permanente conflito com aqueles que vivem no centro e na zona sul. Estabelece um choque cultural que dá vida a sua obra e permite realizar uma releitura social do seu tempo e do tempo passado.



Para Nelson Rodrigues o momento atual se instaura como um momento de reflexão do passado experimentado e vivenciado que por sua vez carrega as dinâmicas do tempo e se realiza como depositário de experiências elaboradas pela personalidade inquietante e atribulada pelo movimento da vida.

Cumprindo o papel de entender questões históricas decisivas para o presente, transmite ao leitor as particularidades do homem moderno envolto em códigos de moralidade estabelecidas pelo Estado. Nessa luta de representações sua obra ganha vigor e se torna um verdadeiro espaço de perceber de forma crítica a presença dos costumes sociais em disputa e da emergência de novos comportamentos que são incentivados pela experiência urbana.

Ao tratar com afinco das questões que afetam a vida privada do brasileiro Nelson Rodrigues não ficou imerso no “mundo da casa”. Propôs reflexões que desembocaram no “mundo da rua”, conduzindo o leitor pela dinâmica dos assuntos relacionados à esfera pública. Privilegiando o comportamento *sexual* como inerente e produtor de afetos e desafetos no universo dos leitores, produziu uma forma de tratar assuntos banais em fatos considerados de utilidade pública.

Nelson Rodrigues faz parte de uma geração de pensadores que cada um a seu modo tentaram explicar a realidade nacional a partir de seus problemas e potencialidades. Inserindo temas caros na formação da nacionalidade e que contribuíram para fortalecer o sentimento de entender o caráter nacional. As tentativas fizeram efeito e se tornaram grandes clássicos do pensamento social como Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda. Cada qual formularam suas ideias acerca do ser brasileiro na maioria das vezes envolto sobre uma cama de erotismo e sexualidade.

Considerada muitos anos um tema difícil de ser explorado no Brasil a sexualidade foi aos poucos se tornando um tema passível de ser abordado e tomou densidade na maneira de tratar assuntos delicados na esfera do íntimo. A excessiva carga de moralidade camuflou a imersão do erotismo e da sexualidade junto à opinião pública. As práticas amorosas ficavam retidas no domínio do privado, sobre quatro paredes, sob o buraco da fechadura.



A ficção rodrigueana foi a primeira a evidenciar de forma “*nua e crua*” a sua participação na vida dos brasileiros. Antes eram tratados assuntos relacionados à família, a moralidade, ao privado com uma visão bastante idealista e carregada de puritanismo e atravessado pela moral. Com os *contos/crônicas* de Nelson Rodrigues os assuntos ligados aos desejos inconfessos, às atitudes desenfreadas, os desvios familiares se tornaram palco do noticiário público. A visão desnudada do escritor transforma sua escrita em um lugar de práticas sociais bastante distorcidas para os padrões da época.

Nelson Rodrigues requer um olhar mais detido e especial quando tocamos nas suas representações amorosas da sociedade carioca do início dos anos de 1950. Explora uma realidade muito diversa daquela oficialmente imposta a família brasileira. O valor do casamento, a fidelidade da mulher, e a honra do marido são postos de forma relativa e antagônica para os padrões da época. Seus *contos/crônicas* são uma antítese para um leitor da Belle Époque, um desvirtuamento dos valores burgueses sobre a moralidade privada e pública e são também o desabrochar de uma onda de comportamentos característicos do início dos Anos Dourados. Mas para Nelson Rodrigues o processo de escritura na verdade acompanhava outras regras na forma de urdir.

Ao desconstruir o ideal de mulher do período Nelson Rodrigues contrapõe ao imaginário formulado que destinava as mulheres apenas o destino do lar. Em sua coluna a mulher ganha uma nova dimensão ultrapassando a sua condição de subserviência. Enquanto o homem se sente fragilizado pela perda da honra vendo as suas mulheres cometerem adultério. Por isso o autor revela afinado com o que estava acontecendo em sua época, mesmo que de forma silenciosa e camuflada pela sociedade. Nessas representações que está o papel do jornalista-escritor de denunciar os padrões burgueses e demonstrar as fraquezas da família que pretendia ser dita como orientadora das ações humanas.

Revela a desordem social por meio das relações amorosas de desvio, propondo uma leitura crítica da realidade, mostrando a ineficiência dos padrões de moralidade burgueses construídos pela Belle Époque. Ao mesmo tempo em que desvenda esse quadro o autor se mostra num tom de ruptura com o passado, ao anunciar as novas práticas do presente. Nelson Rodrigues



é um autor liberal ao promover uma representação alternativa ou é moralista ao denunciar essas práticas de adultério?

Evidenciam-se os limites das representações amorosas do início dos Anos Dourados. Até que ponto suas histórias são uma apologia do presente ou uma espécie de refúgio de um passado inconsistente? Nelson Rodrigues um autor de personalidade contraditória se mostra permeado por essa dicotomia, em sua psique está à existência de um passado idealizado e um presente corrompido, afinal de qual sentido sua narrativa se realiza: de rompimento do presente ou de um retorno ao passado?

Ao pregar a deficiência da família brasileira o escritor se transforma em crítico dos valores modernos, mas por outro lado expressa seu saudosismo as memórias da infância e juventude das quais se formou enquanto jornalista-escritor. Nelson Rodrigues se revela um escritor de fronteira, pois viveu de maneira tão forte a cultura tradicional do Rio de Janeiro localizada na região da Zona Norte que quando percebeu a emergência de uma cultura alternativa que opusesse a esse modelo se torna um opositor e denúncia de forma veemente em sua coluna, as formas de viver e se relacionar dos Anos Dourados.

Pode-se verificar seu apego ao passado das memórias da infância e juventude que formaram sua visão de mundo que possibilitou olhar o presente com desconfiança e pessimismo. Seu lado moralista fala mais alto quando elogia o amor romântico e o descompasso das relações humanas do presente.

Ao trazer à tona em formas de notas de jornal as relações amorosas da década de 1950 Nelson Rodrigues colaboram de forma inédita para a inauguração de um debate no Brasil sobre a moralidade da família brasileira. O percurso civilizador da família ganha um contorno de relevância social. O destaque se dá na forma de apresentar temas vindos diretos da ordem privada, da vida íntima dos moradores da cidade, da privacidade que se torna na coluna *A vida como ela é...* se torna produto dos dilemas percebidos no âmbito doméstico, é que não deixam de ter uma amplitude histórica envolvida nesse processo de decadência da família nuclear, burguesa e capitalista.



A ficção rodriguiana nos conduz pela historicidade da família brasileira, da sua constituição social enquanto formadora de identidades e organizadora de sociabilidades do convívio humano. A visão pessimista do homem e da família brasileira evoca o processo de readaptações que os padrões de moralidade passaram na transição da Belle Époque para os Anos Dourados. Significa que as contradições no âmbito privado estão influenciando ativamente na esfera pública. A moralidade privada, em seus valores de honra masculina e obediência feminina estão sendo aos poucos contestados pelas práticas amorosas das representações jornalísticas cotidianas.

Os discursos proferidos pelo público no que se refere principalmente ao Estado e as autoridades estão na virtuosidade da família como detentora dos caminhos para a formação de uma nação moderna. Mas o que se observa está na ambiguidade das normas praticadas pela casa em relação aos comportamentos rua. O que existe é um “fosso” uma discordância moral, entre o que é preconizado pelo discurso legitimador e a prática lasciva que os habitantes da cidade agiam e interagiam com os outros.

Sua narrativa instaura a *fissura da modernidade* no que toca a um lento e gradual processo de redefinição de valores e normas herdadas da *Belle Époque*. Essa fissura é característica do homem moderno enquanto produtor e reproduzidor de um paradigma obsoleto e antagônico ao que chamamos de *Anos Dourados*. Esse período de transformações substanciais se apresenta de forma a apontar alternativas aos modelos de vida impostos pela honra e moralidade da Primeira República. Promove estilos de comportamento até então condenados pela sociedade burguesa, mas que a partir de 1950 serão aos poucos entronizados na cultura nacional.

O cotidiano se revestia de uma nova maneira de entender a esfera do privado e do público. Ao mesmo tempo existiu nessa dubiedade moral e na imersão de uma luta de representações na esfera da família. Corrobora para isso a dissolução do paradigma moderno que por muitas décadas influenciou a postura familiar brasileira e que agora por meio de um novo imaginário social familiar esfacelou a maneira burguesa de coerção da moralidade familiar.



Funda-se também no cerne da narrativa de Nelson Rodrigues a luta de imaginários sociais distintos, um sobrepondo-se ao outro. Exerce uma disputa no Brasil acerca de qual modelo irá nortear a família nacional. Esse rompimento ou readaptação se torna bastante ambíguo para quem acompanhou essas mudanças de perto. Como se fossem dois mundos em oposição e antagônicos, os indivíduos se sentem “perdidos” e “desconexos” com a realidade da qual se defrontam tentando de todas as formas de reencontrar e encontrar sentido para a vida.

Nessa clivagem de imaginários disformes Nelson Rodrigues aponta a incapacidade do ser humano de entender o seu contexto histórico. Os sujeitos sociais vivem em um dilema moral que se manifesta nas relações humanas sobre a conduta do desvio, do proibido, da repressão e incompreensão social. Por isso da sua visão pessimista do homem moderno, daquele que se sente incompreendido diante de sua cultura. Emergem conflitos, tensões, disputas entre representações de uma família burguesa e liberal.

Nota-se a presença de uma ruptura com os estereótipos herdados pela família brasileira marcada pelo patriarcalismo, pela dominação nas relações de gênero, pela superioridade da autoridade masculina sobre a feminina e dos papéis a serem desempenhados pela sociedade. Essa série de valores cultivados no âmbito doméstico (privado) foi mantida por séculos no Brasil, mas sempre passando por redefinições importantes, mas se manteve emoldurando as relações familiares adentrando inclusive a década de 1950. Por outro lado observa-se lentamente que a dinâmica do privado não acompanhava a dinâmica pública, explicando melhor seria pelo fato de estarem havendo um descompasso com essas duas esferas de entendimento da cultura nacional.

Enquanto a sociedade brasileira passava por um amplo processo de industrialização e modernização das cidades, novas tendências foram surgindo e sendo agregadas pela sociabilidade urbana. As revistas femininas apresentavam novos comportamentos sociais, alternativos para a época dos anos de 1950. Além do cinema também ter contribuindo para esse processo de rupturas. Soma-se a isso o avanço das mulheres no mercado de trabalho e no acesso a escolaridade que foram passos decisivos para a incorporação da mulher nos espaços de convívio



urbano. Nelson Rodrigues como escritor jornalista conviveu e apresentou essa realidade em mutação em sua coluna diária e engendrou na discussão dissolução do modelo de família burguesa, por mais que era a favor dela, não escondeu seus problemas que estava passando, mostrou-a com toda a sua deficiência e inaptidão para modelar os indivíduos a sua volta.

Como *escritor-jornalista* inaugura a presença na coletividade do folhetim que abarcava a incapacidade civilizadora da família brasileira de se manter atuante no imaginário social como detentora de padrões rígidos e conservadores. Ainda era um romântico “enrustido”, ou seja, era defensor desse modelo, mas sabia da sua fraqueza em agregar os indivíduos no presente. A maneira de representar essa desconformidade era a ficção, entendia esse mecanismo como produtor de sentidos e um instrumento de problematização do presente.

A consequência imediata foi à instauração de seu pensamento do surgimento de *fissuras*, ainda muito pouco nítidas, às vezes até imperceptíveis pelo imaginário social da época. Elas se mostravam mais notáveis nas páginas do jornal de onde erigiu um combate claro e aberto sobre a moralidade no Brasil há anos luz do que era discutido em seu presente. Mas em relação à realidade concreta muitos não queriam ver os comportamentos desviantes ou faziam de conta que não sabiam. As fissuras eram “escondidas” pela moralidade burguesa, ainda em processo de resistências em pleno contexto dos anos 50.

Fulgura uma hipocrisia que quase todos compartilhavam mutualmente, a moral burguesa não mais acompanhava as transformações advindas da sociedade no que concerne a esfera pública e privada. O Estado era o grande agente modernizador da nação, sob esse aparato estava à ordem burguesa e aos discursos moralizantes sobre a família, percebe-se diante disso era que a moral pública ultrapassava a moral privada.

Essas fissuras reverberaram de forma polêmica pela sociedade que ainda experimentava um eixo burguês sobre a família. As transformações urbanas e de convívio social ainda não tinham ultrapassado os padrões do privado, gerando uma contradição da moralidade brasileira. As mudanças do público eram mais aceleradas e rápidas do que a mudança do privado. Ou seja, o mundo da rua estava cada vez mais entrando no mundo da casa. Se antes existiam



barreiras tênues sobre essas duas realidades, agora o que se vê é uma maior porosidade de circulação.

Os contos/crônicas de “*A vida como ela é...*” é a máxima expressão de fissura da modernidade promovida por Nelson Rodrigues em toda a sua trajetória jornalística. Assunto recorrente na coluna de Nelson é a temática do adultério. Pela obsessão ao tema, tão banal, escreveu mais de duas mil histórias que reproduzia a linguagem nua e crua do cotidiano das ruas.

A infidelidade nos anos 50 não era um assunto muito discutido. Era quase escondido, escamoteado e considerado um tabu. A infidelidade da mulher, então, era abominada, pois jamais deveria acontecer; enquanto a capacidade do homem de ter relação com outras mulheres era considerada como normal.

Nas histórias produzidas por Nelson fica o mistério acerca da infidelidade, sendo sempre possível ou não. No conto “*O Decote*”, a senhora D. Margarida, depois de dois anos ausente da casa do filho Aderbal, resolveu visitá-lo para abrir-lhes os olhos das atitudes de sua esposa, Clara, e diz: “sua mulher anda fazendo os piores papéis. Ou você ignora? – E, já com os olhos turvos, uma vontade doida de chorar, interpelava-o: - Você é ou não é homem?” (RODRIGUES, 1992, p. 58). Depois do nascimento de sua filha, Mirna, Aderbal começou a perceber os comportamentos de Clara; “mãe displicente, vivia em tudo que era festa, exibindo seus vestidos, seus decotes, seus belos ombros nus” (RODRIGUES, 1992, p. 59). A filha era sempre um pretexto para Aderbal dar continuidade ao casamento: “pode ter amante, pode ter o diabo, mas é mãe de minha filha. E se minha filha gosta dessa mulher ela é sagrada para mim, pronto, acabou-se!” (RODRIGUES, 1992, p. 59).

A infidelidade de Clara ficou explícita depois dos argumentos de sua mãe e por isso foi punida. ele pareceu meditar, como se procurasse o sentido misterioso dessas palavras. Levantou-se, então. Foi a um móvel e apanhou o revólver na gaveta. Subiu, sem pressa. Diante do espelho, Clara espremia espinhas. Ao ver o marido, pôs-se a rir. Boa, normal, afável com os demais, só era cruel com aquele homem que deixara de amar. Seu riso esganiçado e terrível foi outra maldade desnecessária. Então, Aderbal aproximou-se. Atirou duas vezes no meio do decote (RODRIGUES, 1992, p. 61).



Aderbal, cobrado pela mãe para ter atitude de “homem”, ao matar a esposa infiel, reproduzia o comportamento aceito pela sociedade tradicional que prescrevia que o marido deveria lavar sua honra com a morte da adúltera.

No conto “*A Dama da Lotação*”, um dos mais destacados da obra, resultou em filme, percebe-se o elemento conflitivo de sua narrativa, a traição da mulher, o que remete a uma fúria incontestável do marido. Onde, Carlinhos vai aos poucos desconfiando da fidelidade da esposa, Solange, que sempre pegava a lotação e encontrava-se com homens diferentes, com os quais mantinha relações sexuais. Ao descobrir tais práticas da esposa, Carlinhos se mete em uma cama e se dispõe a fingir de morto. Evidencia-se nesse conto uma crescente fragilidade da autoridade masculina perante o comportamento da esposa, o marido se sente desafiado no que refere ao domínio do lar e à perda da honra.

Em “*Casal de Três*”, o personagem Filadelfo se dirige ao sogro, o Dr. Magarão, e apresenta sua indignação perante sua vida conjugal. Casado com Jupira, comenta que sente uma “melancolia tremenda” (RODRIGUES, 1992, p. 27). Essa constatação refletia a falta de capricho de sua esposa, “não se arrumava, nem se pintava, até cheirava mal” (ZECHLINSKI, 2007, p. 410). Logo depois de um mês, Filadelfo percebe uma série de alterações antes não observadas, “a mulher pintada, perfumada, se atira aos seus braços” (RODRIGUES, 1992, p. 28). A partir da nova personalidade apresentada por Jupira, aos poucos, começa a desconfiar e a se preocupar. Perante o sogro, este o adverte para prescindir de levar a sério a representação de sua mulher e tecer suspeitas sobre ela. Dias depois Filadelfo recebe uma carta anônima com os seguintes dizeres: “tua mulher e o Cunha”, que era “o seu maior amigo e jantava três vezes por semana ou, no mínimo, duas, com o casal. A carta anônima dava até o número do edifício e o andar do apartamento em Copacabana onde os amantes se encontravam” (RODRIGUES, 1992, p. 29). Filadelfo é tomado por um estado de ciúmes do seu amigo Cunha, diante das imagens de transformação da mulher. Conta que “certa vez jantavam os três, quando cai o guardanapo de Filadelfo. Este abaixa-se para apanhar e vê, insofismavelmente, debaixo da mesa, os pés da mulher e do Cunha, numa fusão nupcial, uns por cima dos outros” (RODRIGUES, 1992, p. 30).



Ambos os contos retratam os conflitos dentro do ambiente doméstico. Mulheres que sentem desejos por outros homens que não os seus maridos e vão procurar outra relação fora de casa, cometendo adultério.

Assim, pode-se dizer que os anos 50 se encontraram plenos de ambiguidades: embora, ainda marcados pela naturalização de papéis – à mulher a maternidade e a casa e aos homens o sustento financeiro –, já mostram claras alterações, como o aumento crescente da presença feminina no mercado de trabalho e certa liberalização das manifestações de seus desejos e expectativas (MATOS, 1997, p. 101- 102).

O Código Civil de 1916, expressa o pensamento acerca do adultério feminino e suas implicações dentro da esfera das relações íntimas, como a punição diante da prova ou mesmo da suspeita do fato. No tocante aos homens, a natureza de suas relações extraconjugais ou mesmo “sua relação física com outras mulheres pouco significava perante a lei, mas a manutenção da concubina poderia significar a transgressão do seu papel de chefe de uma única família” (ZECHLINSKI, 2007, p. 414).

A criação literária de Rodrigues coloca em cena valores tradicionais e modernos no que se refere às práticas afetivas experimentadas por homens e mulheres. Num cenário de transgressões e desníveis, choques de representações de gênero se elevam e trazem à tona uma reconfiguração de relações pessoais desgastadas, gerando dado redimensionamento dos mesmos por meio de situações da esfera do banal e do cotidiano.

Pode-se falar de um autor-ator e de sua visão existencial, que marcou sua vida e se fez presente em suas obras sustentadas pela presença marcante de sua própria subjetividade. Sua estética ficcional releva a inversão de sua própria vida presente e recupera reminiscências do passado, articulando-se com a cosmovisão de ser carioca e do próprio homem brasileiro. O “texto literário do jornalista, cronista e escritor Nelson Rodrigues é um precioso laboratório para se tentar apreender a origem de alguns traços da subjetividade deste autor” (MARIANI, 2009, p. 95).

Se o século XIX experimentou um ambiente de intensa remodelação da esfera familiar por meio de processos de modernização e privatização, num contexto de abandono de costumes coloniais, superados pelo programa urbano civilizador direcionado para a renovação da cidade,



não deixou de lado as alterações da esfera do íntimo e as propostas de reformulação urbana numa perspectiva europeia. Aos poucos o abismo social se rompe e as mulheres se inserem na vida social, muito mais condicionadas pelas circunstâncias históricas do que as próprias do seu lugar de ocupação doméstica.

Como a maciça presença de sua mão de obra nas fábricas de armamentos, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), recolocando suas expectativas numa ótica do mundo do trabalho e refletindo tensões no retorno ao lar, no constante agravamento de fissuras em relação aos sexos. A valorização do trabalho feminino foi decisiva no rompimento do espaço privado, pois nas “primeiras décadas deste século, época de transição de valores, assistem à passagem da estrutura patriarcal para uma nova ordem econômica e social, onde as ideologias de cunho individualista marcam presença” (TRIGO, 1989, p. 88).

A família passou por um processo de pulverização e adaptação das novas formas de sociabilidades. O modelo de família que herdamos do século XIX esfacelou-se, resultado do individualismo moderno do século XIX, da recusa de uma estrutura extremamente rígida e normativa. Nesse movimento o espaço resguardado do lar não ficou imune: “a casa, protegida pelo muro espesso da vida privada que ninguém poderia violar - mas também secreta, fechada, exclusiva, normativa, palco de incessantes conflitos que tecem uma interminável intriga, fundamento da literatura romanesca do século” (PERROT, 1993, p. 78). Nesse sentido, “o século XX veria se generalizar lentamente em toda a população uma forma de organização da vida com dois domínios opostos e claramente distintos: o público e o privado” (PROST, 2009, p. 16).

Desta forma, o confronto entre o mundo da casa e o mundo da rua aparece constantemente nas histórias contadas por Nelson Rodrigues, em “A vida como ela é...”. Ele apresenta o conflito das personagens que não conseguem perceber as fronteiras entre a casa e a rua. Pelo fato de o universo familiar, escondido nas paredes da casa, passar a ser mostrado, no espaço público – apesar de bastante lida e com longa duração (dez anos) –, “A vida como ela é...” rendeu a Nelson Rodrigues a fama popular de “tarado” (PARENTE, 2006, p. 4).

Partindo do olhar cotidiano dos leitores da coluna, as histórias refletiam as cenas do imaginário social, a preocupação diante da temática do adultério e dos assuntos recorrentes à esfera do privado, da casa, sendo livremente recriadas no espaço da rua. Nelson legou-nos uma



“pintura”, um olhar “etnográfico” e social sobre a cidade, num incessante diálogo com as normas que regiam a sexualidade de seus habitantes. Então a:

modernização devastou as relações sociais, os valores e a própria natureza da experiência urbana carioca. Essa devastação é observada principalmente por meio do espaço público, de histórias que aconteceram nas ruas, no Maracanã, em bares e restaurantes, em festas, nas redações dos jornais (FACINA, 2004, p. 155).

As representações do feminino informadas por Nelson são tomadas por desejos, gerando comportamentos desviantes, que quebravam a autoridade e o poder da dominação masculina. O ambiente da cidade propiciava encontros furtivos, onde o casal se resumia a marido, mulher e amante. Suas impressões da cidade e dos sujeitos nela envolvidos são tomadas do momento presente, mas também de histórias que contavam quando ele era criança no espaço dos subúrbios cariocas, local de sua constituição como indivíduo e de temas para as apropriações transpostas em suas obras. Na época existiam dois tipos de representações femininas pelo imaginário social:

[...] as mulheres sérias que se comportavam de acordo com as normas, isto é, mantinham-se virgens até o casamento e fiéis aos maridos após o casamento; e aquelas que não eram sérias, as “levianas” e as adúlteras – mulheres que transgrediam as normas e enganavam os homens. Os comportamentos desviantes colocavam em xeque o poder e a dominação masculina, de forma que as mulheres transgressoras precisavam arcar com a recriminação e a estereotipagem social (ZECHLINSKI, 2007, p. 408).

Mas, como os estudos de gênero requerem tratar de modo relacional e em conjunto a figura da mulher e do homem, no item a seguir, busca-se ater às imagens tecidas sobre o universo masculino.

A categoria gênero tem contribuído de forma relevante para os estudos referentes à historicidade de homens e mulheres na sociedade e suas relações enquanto sujeitos construtores de representações sociais. O termo propõe uma leitura bilateral, pois seu:

uso rejeita a validade interpretativa da ideia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com outro sexo. Além disso, o termo gênero pretende dar conta das relações sociais entre os sexos (SCOTT, 1995, p. 75).



Seguindo o campo das representações, o masculino nos contos é visto sobre vários enfoques. No conto “*Covardia*” e “*Uma Senhora Honesta*”, fica explícita a maneira como Nelson trata a imagem do homem de casa, marido, diminuído, enfraquecido, como Marcondes, que aparece descrito como “um triste, um humilde, um desses mansos natos e hereditários” (CASTRO, 1992, p. 17).

Ainda, sobre as imagens do masculino fragilizado, temos o conto “*A Esbofetada*”. A figura de Sinval foi assim construída: “era baixo, mirrado, um peito fundo de tísico, braços finos e mãos pequenas, de unhas tratadas” (RODRIGUES, 1992, p. 81). Em “*Uma Senhora Honesta*”, Valverde, foi de forma semelhante apresentado: “mirrado, com um peito de criança, uns bracinhos finos e longos de Olivia Palito – o pobre-diabo não tinha a base física da coragem” (RODRIGUES, 1992, p. 112-113). Por outro lado, destaca a figura de Luci como uma mulher muito virtuosa, que priorizava sua fidelidade, “tinha vaidade dessa virtude” (RODRIGUES, 1992, p. 112). Os homens são representados como abatidos, desfigurados, impotentes, “mostram-se fracos moral e fisicamente, demonstrando sua fragilidade através de doenças recorrentes, além de serem dominados pelas mulheres” (ZECHLINSKI, 2007, p. 418).

Nelson Rodrigues caminhava indo na contramão dos modelos de masculinidade e feminilidade esperados pela época, revelando homens debilitados e dominados por suas mulheres. Por isso, sua visão sobre as relações de gênero desconstruíam a dominação impostapelo masculino ao sobrepor o papel das mulheres como detentoras de seu destino e capazes de romper o estigma de inferioridade que a sociedade impunha.

As mulheres aparecem como superiores, são aquelas que são capazes de impor sua feminilidade aos seus maridos, não mais como passiva, obediente, se resignando, mas assumindo comportamentos distintos ao que era atribuído pelo *status quo*. Elas são capazes de superar as imposições sociais. Percebe-se que:

As transformações contemporâneas nos perfis de gênero vêm sendo de certa forma vivenciadas em um quadro de tensões e mudanças emergente desde o pós-Segunda Guerra. Os anos 50 se encontravam marcados pela presença de “elementos tradicionais”, mas então já começariam a ser gestados outros perfis,



novas relações entre os gêneros com a quebra de certos tabus e o questionamento de certas atitudes e relações (MATOS, 1997, p. 101).

Como fica descrito existe uma quebra das relações de gênero apresentadas por essas representações, enquanto a mulher domina a cena conjugal em detrimento da personalidade masculina, a figura do homem é diminuída, fragilizada e questionada a todo tempo em relação a seu poder. Esse é o universo familiar no qual estão inseridos os contos de Nelson e sobre o qual eles debruçam e nos oferecem suas imagens: “homens e mulheres são construtores de um imaginário, cujos perfis criados e que circulam nessa sociedade condicionaram as relações sociais” (MATOS, 1997, p. 32).

Estes são alguns das mais de duas mil histórias de Nelson Rodrigues problematizou as relações amorosas da década de 1950 promovendo uma ruptura para sua época e revelando a fissura da modernidade carioca. Sabendo que seus escritos estão carregados de ironia e ficção Nelson nos aproxima do homem moderno em decomposição e da realidade carioca que lhe é inerente na forma e na composição das histórias representadas no Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

FACINA, A. *Santos e Canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MARIANI, Luiza. *Aproximações: Nelson Rodrigues, subjetividades e escrita literária*. *Revista Contemporânea*, n.12, p. 94-103, 2009.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Dolores Duran: experiências em Copacabana nos anos 50*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

PARENTE, Tiago Coutinho. *Os conflitos da casa e da rua nas crônicas de “A vida como ela é...”*. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, Brasília. *Intercom– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Brasília: UnB, p. 1-12, 2006. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/43811654/a-vida-como-ela-e>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: _____ (org.) *História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.13-153.



RODRIGUES, Nelson. *A Vida Como Ela é: o homem fiel e outros*. Seleção Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-79, jul. dez. 1995.

TRIGO, Maria Helena Bueno. Amor e casamento no século XX. In: _____. D^o INCAO, M. A. *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 88-94.

ZECHILINSKI, Beatriz. Polidori. "A vida como ela é..."; imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues. *Cadernos Pagu*, v. 29, p. 399-428, jul. dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000200016&script=sci_arttext

. Acesso em: 11 de nov. 2011.